

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELISANDRA ARAÚJO SILVA

**A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO E ATUAÇÃO DE
DOCENTES**

ORIENTADORA: PROF^a. MS. GLÓRIA MARIA L. DE S. MELO

CAMPINA GRANDE – PB



NOVEMBRO DE 2011

ELISANDRA ARAÚJO SILVA

**A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO E
ATUAÇÃO DE DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do título de Graduado.

Orientador(a): Prof^a Ms Glória Maria Leitão de Sousa
Melo

CAMPINA GRANDE – PB



NOVEMBRO DE 2011

S586a

Silva, Elisandra Araújo.

A afetividade na educação infantil [manuscrito]:
percepção e atuação de docentes. / Elisandra Araújo Silva. –
2011.

44f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Glória Maria Leitão de
Souza Melo, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação Infantil 2. Crianças 3. Método de
Ensino .I. Título.

21. ed. CDD 372.24

ELISANDRA ARAÚJO SILVA

**A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO E
ATUAÇÃO DE DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às exigências
legais, para obtenção do título de
Graduado.

23

Aprovação pela Banca Examinadora em de Novembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Glória Maria Leitão de Souza Melo

Prof.^a Ms. Glória Maria Leitão de Souza Melo – UEPB

Orientadora

Maria de Lourdes Cirne Diniz

Prof.^a Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz – UEPB

Maria do Socorro Araújo de Arruda

Prof.^a Ms. Socorro Araújo de Arruda - UVA



A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÃO E ATUAÇÃO DE DOCENTES

Elisandra Araújo Silva

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito analisar a importância das relações afetivas na Educação Infantil, através de uma pesquisa realizada na Creche e Pré-Escola Municipal Beatriz Hamad Gomes, localizada na cidade de Campina Grande/PB. A amostra desta pesquisa foi realizada com 4 professoras da creche acima mencionada. Os instrumentos metodológicos utilizados para a coleta de dados foram as observações diretas entre professor-criança e criança-criança, bem como, a aplicação de questionários, os quais foram entregues aos professores e logo depois devolvidos com suas respectivas respostas e opiniões acerca da afetividade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza qualitativa, caracterizada como pesquisa de campo.. Com base em autores como: Freire (1996); Piaget (1986); Dantas (1992); Oliveira (2002); Mota (2009), entre outros, fizemos um estudo sobre afetividade e a influência no processo de desenvolvimento da criança. Este trabalho expõe através dos resultados da pesquisa, que as emoções, os sentimentos e o afeto desempenham um papel importante na vida do indivíduo. Pretendemos com este estudo estar contribuindo de forma significativa para as discussões sobre a afetividade na Educação Infantil.

PALAVRAS - CHAVE: Crianças. Afetividade. Professoras. Educação Infantil.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the importance of relationships in children's education through a survey conducted in the Daycare and Preschool Municipal Hamad Beatriz Gomes, located in the city of Campina Grande / PB. The sample of this research was conducted with four teachers from nursery above. The methodological tools used for data collection were direct observations of teacher-child and child-child, as well as questionnaires, which were delivered to teachers and soon returned with their answers and opinions about the affection. Such research, it is therefore an exploratory research. Based on authors such as Freire (1996), Piaget (1986), Dantas (1992), Oliveira (2002), Mota (2009), among others, did a study on the conceptualization and affection of the same influence in the development process the child. This work exposes through the search results, emotions, feelings and affection play an important role in people's lives. We aim with this study is contributing significantly to the discussions on the affectivity in early childhood education.

KEYWORDS - KEY: Children, feelings, teachers, early childhood education.

1. INTRODUÇÃO

[...] é sempre a afetividade, que constitui a mola das ações das quais resulta, a cada nova etapa, esta ascensão progressiva, pois é a afetividade que atribui valor às atividades e lhes regula a energia. Mas, a afetividade não é nada sem a inteligência, que lhe fornece meios e esclarece fins (Jean Piaget, 1986).

A palavra afetividade é empregada em várias linhas de pesquisa como sendo a base e o suporte da inteligência, da personalidade e da atividade a ser desenvolvida pelo indivíduo. Ultimamente vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva. Em cada estudo, seu significado é ampliado de acordo com ideias de cada autor. Impõe-se, portanto, esclarecer ao leitor que as emoções, de acordo com vários autores, desempenham forte influência sobre a aprendizagem em qualquer etapa da vida.

Na educação, uma das maneiras de constatarmos a importância de nossa relação com as crianças é pensar que quando há trocas de afeto, emoções, amor, carinho, beijos, abraços e até mesmo o toque, como ressalta Medeiros (2009), existe uma comunicação entre os dois principais sujeitos da educação: o professor, mediador do conhecimento, e a criança, SER que está sempre pronto a nos ensinar suas simples e grandiosas riquezas do seu mundo encantado e maravilhoso.

Em momento algum, quando falamos sobre o que seja coerente ou incoerente, em se tratando da afetividade, estamos nos esquecendo dos esforços que essa tarefa exige dos educadores. Sabemos que para alguns se torna quase que impossível ouvir e compreender o outro, principalmente, quando envolve sentimentos e emoções. Agimos, quase sempre, em função da razão, colocando, assim, as emoções em segundo plano.

A afetividade, de um modo geral, é um tema de ampla discussão, tanto por parte de alguns teóricos, como também, por parte de educadores que exitam, muitas vezes, em articular os conteúdos ensinados em sala de aula com as relações de afeto.

Cabe perguntarmos agora, como as relações de afeto influenciam no desenvolvimento intelectual da criança? O que pensam alguns educadores sobre a ênfase dada à dimensão afetiva em salas infantis?

Respostas a estes e outros questionamentos ainda deixam a desejar. Do ponto de vista educacional a criança possui valores desde que nasce, uma vez que, apresenta algum afeto, seja por um objeto físico, uma pessoa, um grupo ou por uma idéia, etc; ela, já traz de casa, alguma relação de afeto, apenas, o papel das Instituições de Educação Infantil é aprimorar e/ou aperfeiçoar este aspecto.

Ainda no que tange à educação, é importante ressaltar que, a família (mãe e pai) de acordo com Medeiros (2009), desempenha um papel importante na vida e no desenvolvimento integral da criança, a família (mãe e pai) é a base e o referencial, ela, portanto, se espelha nos pais para tornar-se indivíduos autônomos, críticos e prontos a contribuir para uma sociedade mais justa.

Sendo a afetividade um aspecto indispensável na construção e formação do educando, faz-se necessário, desde cedo, compreender e comover-se com os estados afetivos da criança.

Várias pesquisas apontam que a dimensão afetiva é importante para a formação social, intelectual, emocional, e moral da criança, e é em meio a necessidade de resgatar o afeto para a sala de aula, principalmente em se tratando da educação infantil, que este trabalho se justifica. Torna-se interessante trabalhar o afeto em sala de aula não apenas pela grandeza do tema, mas, pela importância que ele representa na fase de desenvolvimento da criança.

Diante do exposto, pretende-se com este trabalho, analisar a importância das relações afetivas na Educação Infantil, buscando, assim, refletir sobre as contribuições que a afetividade desempenha na aprendizagem da criança.

O professor desempenha papel importante para o processo de adaptação da criança, e, conseqüentemente, das relações afetivas. O mesmo deve estar aberto ao querer bem aos educandos, como bem diz Freire (1996), se relacionar de forma prazerosa e confiante perante a criança. Diante disto, pretende-se identificar as relações afetivas existentes entre criança – professor – criança e criança – criança na Educação Infantil, além, é claro, de observar o papel que o educador desempenha no desenvolvimento da afetividade na criança.

Ainda referindo-se à educação, o presente trabalho ainda objetiva analisar como a afetividade está sendo concebida por professores da Educação Infantil e como é por eles desenvolvida.

Com as observações realizadas na Creche e Pré-Escola Municipal Beatriz Hamad Gomes localizada no bairro do Araxá na cidade de Campina Grande-PB, surgiu o desejo de conhecer como o afeto e as emoções estão sendo ressaltados pelas professoras da creche acima mencionada.

A amostra desta pesquisa foi realizada com quatro professoras que lecionam com crianças. Os instrumentos metodológicos utilizados foram as conversas informais com as professoras, funcionários e crianças, assim como, a utilização de caderno de registros, observações diretas das relações professor-criança e criança-criança e questionários aplicados com os professores sobre a importância ou não da afetividade nessa relação.

Foi aplicado um questionário aberto de cunho qualitativo com cinco questões para as professoras, da instituição campo de pesquisa, com o objetivo de investigar suas concepções e experiências com a temática em estudo. O questionário foi entregue às professoras do Maternal I e Maternal II e às professoras do Pré I e Pré II no turno da manhã e logo depois devolvidos a pesquisadora.

As observações foram realizadas durante o período de três meses (Março, Abril e Maio, de 2011), e o questionário foi aplicado no mês de Julho do corrente ano.

O presente estudo caracterizou-se como pesquisa de natureza qualitativa do tipo pesquisa exploratória e de campo. Esses tipos de pesquisas têm como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos com o propósito de formular problemas mais precisos para estudos posteriores. Conforme Gil (1994) as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão global, constituindo assim, como sendo a primeira etapa para uma investigação mais ampla.

Por fim, queremos, acima de tudo, contribuir com o debate acerca da afetividade e das contribuições desse aspecto do desenvolvimento infantil no processo de aprendizagem e socialização de crianças em instituições escolares. E, ainda, contribuir com a superação de tabus e preconceitos ainda existentes em se tratando do afeto, sentimentos e emoções em sala de aula.

2. ALGUMAS CONCEPÇÕES ACERCA DA AFETIVIDADE

Ao apresentarmos algumas concepções acerca da afetividade, precisamos, antes de mais nada, compreender que é na família (mãe e pai) que a criança estabelece o primeiro vínculo afetivo, e, que este desempenha um papel importante no seu desenvolvimento físico, social e emocional, como bem ressalta Medeiros (2009).

A mãe, por sua vez, mantém um laço afetivo maior com a criança, desde o nascimento à vida adulta. É ela que acompanha a criança em vários momentos desde a alimentação, higienização, nos cuidados com a saúde e o bem estar do bebê até os momentos de carinho e aconchego. É nessa fase que o bebê se sente seguro e protegido, pois, depende exclusivamente dos cuidados e carinhos da mãe.

A fase anterior ao nascimento é primordial e decisiva na vida do ser humano. Como bem diz Santos (2001, p. 8-9):

Aos dois meses o feto é capaz de perceber o mundo fora do útero, começando a ter as primeiras sensações táteis e a sentir o contato da mãe. Ansiedade, nervosismo, depressão, amor e carinho são transmitidos através dos hormônios. Portanto, toda a situação emocional da mãe atinge diretamente o feto.

Parafraseando Santos (2001), é útil esclarecer que qualquer e toda reação que o bebê apresentar logo após o nascimento estão basicamente relacionados aos estímulos que recebeu da mãe durante a gravidez. A falta de estímulos afetivos durante e após a gestação pode ser muito prejudicial à criança. Por isso, a maturidade emocional dos pais é determinante, as primeiras expressões de carinho, os cuidados básicos, possibilita a formação de crianças, jovens e adultos autônomos e realizados emocionalmente.

De acordo com Teles (2001, p.77 e 78) “o indivíduo, pouco tempo depois do nascimento, já começa a apresentar sinais nítidos de comportamento motor, emocional, intelectual e social, como um resultado da maturação e da aprendizagem”.

Não poderíamos falar da afetividade sem mencionarmos as primeiras manifestações afetivas da criança. Tais manifestações, muitas vezes, são ignoradas pelos pais que se recusam a dar-lhes a devida atenção.

Medeiros (2009) ressalta que, o choro, o sorriso, o abraço, o toque, o olhar, o grito e a palavra interferem na relação adulto – criança e nas interações sociais. De acordo com a autora é através de tais manifestações que o bebê chama a mãe e/ou o pai para acalmar-se.

É por meio de certas expressões que a criança se comunica e chama a atenção dos pais para sentir-se mais protegida. As expressões de afeto, como por exemplo, o amor, o carinho, a compreensão são considerados fatores determinantes para o desenvolvimento do sujeito, desde a infância até a vida adulta.

Françoise Volto (apud, ACETI, 2002, p. 02), destaca dois pontos essenciais para o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança, e conseqüentemente essenciais para obter uma aprendizagem satisfatória. O primeiro é a escuta e o segundo ponto essencial refere-se à palavra.

O que significa escutar a criança? Significa compreender a realidade do outro. Ter a plena consciência que a criança não é um adulto em miniatura e que, muitas vezes, não sabe expressar com palavras o que realmente sente. Já, através de expressões como o choro, o sorriso, o olhar, busca expressar o que sente e o que deseja.

É necessário que os pais estabeleçam com a criança um elo afetivo satisfatório, para isso, é preciso que os mesmos tenham consciência e compreendam que na maioria das vezes, elas, não sabem expressar suas emoções com palavras, é justamente através de algumas expressões que, as crianças, verbalizam os seus desejos e vontades.

Neste sentido, vale esclarecer que, quando se fala em compreender não significa que os pais devam fazer e aceitar todas as vontades de seus filhos, mas, dialogar com os mesmos e ouvi-los, para assim, poder ajudá-los e orientá-los nas suas escolhas. Portanto, a maturidade emocional dos pais influencia no desenvolvimento emocional da criança.

Segundo Medeiros (2009, p.130):

Pesquisas mostram que ambientes carregados de agressividade, abandonos primários, quase sempre são causas de crianças, adolescentes e adultos problemáticos, com comportamentos apresentando ansiedades e possíveis tendências anti-social.

A autora ainda apresenta alguns relatos de casos familiares com crianças que sofreram algum tipo de frustração ou maus tratos na infância, e que, de alguma forma, contribuíram para a formação de jovens debilitados e problemáticos. Mas, diante do que já foi exposto, o que seria afeto?

“A palavra afeto vem do latim *affectur* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores, emoções e se expressam nas palavras, nos gestos, no que fazemos e pensamos” (MOTA, 2009, p.63).

A afetividade envolve sentimentos e emoções, vale ressaltar que tais expressões são provenientes das relações conquistadas entre adultos e crianças, cada qual, com seus interesses, valores, afeições, simpatias, entre outros, que contribuem para a inteligência, e conseqüentemente, para uma relação afetiva satisfatória. Podemos afirmar, então, que, a “[...], afetividade e inteligência desenvolvem-se juntas, em uma intensa relação que tem início no nascimento e evolui a partir das interações da criança com o meio” (MOTA, 2009, p,63).

Piaget (apud, WADSWORTH, 1997, p.37) ainda reforça que:

É impossível encontrar um comportamento oriundo apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo. É igualmente impossível encontrar um comportamento composto só de elementos cognitivos. É óbvio que os fatores afetivos estão envolvidos mesmo nas formas mais abstratas de inteligência. Para um estudante resolver um problema de álgebra ou para um matemático descobrir um teorema, deve haver um interesse intrínseco, um interesse extrínseco ou uma necessidade de partida. Enquanto trabalha, estados de prazer, desapontamento, ansiedade tanto quanto sentimentos de fadiga, esforço, aborrecimento, etc, entram em cena. Ao finalizar o trabalho, sentimentos de sucesso ou fracasso podem ocorrer; e finalmente, o estudante pode experimentar sentimentos estéticos fluindo da coerência de sua solução.

O afeto, de modo geral, é um fator importante para a nossa subjetividade, é através dele que expressamos nossos desejos, interesses, enfim, nossas emoções, fazemos entender e somos entendidos.

Muitos são os teóricos que estudam a importância do afeto. Nas obras de Jean Piaget, Henri Wallon, Lev Vygotsky e Johann Heinrich Pestalozzi o tema afetividade ocupa lugar de destaque em suas teorias. Os estudos feitos por esses grandes pensadores significaram um

marco na história da educação, pois, contribuíram de forma positiva para o avanço educacional.

Jean Piaget (1986) dedicou-se a área de psicologia, epistemologia e educação, organizou o desenvolvimento cognitivo em estágios, passando, assim, a ser conhecido. Criou uma teoria do conhecimento que tinha como foco principal o desenvolvimento natural da criança, que denominou tal teoria de Epistemologia Genética. Do ponto de vista de Piaget, o conhecimento acontecia através das descobertas que a própria criança fazia, ou seja, o aprendizado era construído pelo aluno.

Ao longo dos seus estudos, Piaget colocou a afetividade no centro do desenvolvimento intelectual, que acreditava constituir-se no âmbito dos aspectos cognitivo, afetivo e também social.

De acordo com Piaget (1986), as mudanças da ação provenientes desde o início da socialização não apresenta papel importante apenas no que se refere a inteligência e o pensamento, mas repercutem também na vida afetiva.

Para o epistemólogo suíço, desde a fase pré-verbal existe uma ligação entre o desenvolvimento da afetividade e o das funções do intelecto, estes são os dois fatores considerados, por ele, indispensáveis para cada ação. Assim, toda conduta provém da afetividade, enquanto as técnicas e os meios empregados se referem ao aspecto cognitivo.

Segundo Piaget (1986, p.38):

Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, intêresses (sic), valôres (sic), impressão de harmonia, etc), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão)". Neste sentido, sabemos que existem pessoas que dão mais valor às coisas simples, mas, com uma grandiosidade tremenda, as emoções, ao afeto, e o amor pelo próximo, do que as coisas materiais, enquanto que para outros este procedimento se dá ao contrário. A sociedade, por sua vez, considera, muitas vezes, os primeiros mais humanos, mais sentimentais, enquanto que os outros são considerados pessoas vazias de sentimentos, "[...] mas trata-se apenas, de condutas e sentimentos que implicam necessariamente ao mesmo tempo a inteligência e a afetividade. (Piaget, 1986, p. 38).

Vimos então que, para Piaget (1986), a afetividade constitui-se parte integrante e essencial para o desenvolvimento, sendo que, este aspecto de maneira alguma se separa do cognitivo. Assim, podemos afirmar que do ponto de vista de Piaget, o termo afetividade é entendido como “os sentimentos propriamente ditos e, em particular, as emoções; as diversas tendências superiores e, particularmente, a vontade” (PIAGET, apud BATTRO, 1978).

Piaget (1986) acreditava em dois tipos de afetos: os individuais e os inter-individuais. Os sentimentos considerados intraindividuais se referem, de modo geral, à conduta, “são os interesses, os esforços, os afetos de todo tipo que participam na conduta interna do indivíduo” (MOTA, 2009, p.64). Já os sentimentos interindividuais dão ênfase às afeições, simpatias e antipatias, “ligados à socialização das ações, a parição de sentimentos morais intuitivos, provenientes das relações entre adultos e crianças, e as regularizações de interêsses (sic) e valôres, (sic) ligadas às do pensamento intuitivo em geral” (Piaget, 1986, p.38).

Piaget (1986) ainda explica que o interesse se refere ao prolongamento da necessidade, assim, “[...] É a relação entre um objeto e uma necessidade, pois um objeto torna-se interessante na medida em que corresponde a uma necessidade” (PIAGET, 1986, p.38).

O epistemólogo suíço esclarece que, o interesse apresenta-se sob dois aspectos: de um lado, é considerado como sendo o regulador de energia, mas, por outro lado, o interesse consiste em um sistema de valores.

No que se refere aos interesses e aos valores, Piaget (1986, p.39) sublinha que:

Aos interêsses (sic) ou valôres (sic) relativos à própria atividade, estão ligados de perto os sentimentos de auto-valorização: os famosos “sentimentos de inferioridade” ou de superioridade. Todos os sucessos e fracassos da atividade se registram em uma espécie de escala permanente de valôres (sic), os primeiros elevando as pretensões do sujeito e os segundos abaixando-as com respeito às ações futuras. Daí resulta um julgamento de si mesmo para o qual o indivíduo é conduzido pouco a pouco e que pode ter grandes repercussões sôbre (sic) todo o desenvolvimento. Certas ansiedades, em particular, resultam de fracassos reais e, sobretudo, imaginários.

Vimos, então, nas palavras de Piaget, (1986), que os valores condicionam as relações afetivas interindividuais, ou seja, os sentimentos mais sinceros e espontâneos de uma pessoa para outra nascem e se fortalecem pela troca cada vez mais repleta de valores. As relações

interindividuais exercem, portanto, um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo de qualquer pessoa.

De modo geral, os interesses, os valores interindividuais espontâneos e os valores intuitivos representam papel importante na vida afetiva do indivíduo.

Ao referir-se aos sentimentos da criança pela família, principalmente pelos pais, Piaget (1986, p.40) diz que:

Quanto ao amor da criança por seus pais, os laços de sangue estão longe de poder explicá-lo, se não se considerar esta íntima comunidade de valorização que faz com que todos os valores (sic) das crianças sejam moldados à imagem de seu pai e de sua mãe. Ora, entre os valores (sic) interindividuais assim constituídos, existem alguns especialmente importantes; são os que a criança reserva para aqueles (sic) que julga como superiores a si, algumas pessoas mais velhas e seus pais. Um sentimento especial corresponde estas valorizações unilaterais: é o respeito, que é um composto de afeição e temor estabelecendo este (sic) segundo a desigualdade que intervém de tal relação afetiva.

Assim, vimos que os sentimentos se originam do respeito da criança em relação aos adultos ou a seus pais, de modo que, tal respeito apresenta forte influência para a formação moral que contemple a obediência. O respeito mútuo segundo Piaget (1986) nos leva a novas outras formas de sentimentos morais, distintas da obediência.

Podemos considerar que a afetividade se desenvolve no sujeito a partir do momento em que o mesmo se abre para novos sentimentos. O afeto é algo que está em constante construção, e, portanto, em constante evolução, contribuindo de forma significativa com o intelecto. Vimos que o afeto, nas palavras de Jean Piaget (1986), apresenta-se de forma clara e sucinta, está implícito em toda ação. Ações estas que forneçam meios para o indivíduo se desenvolver intelectualmente, envolvendo, é claro, a motivação e o interesse. Tal interesse deve estar relacionado no querer, no gostar, sentir-se motivado e interessado, em algo que desperte a atenção. “Com isso, fica clara a associação dos principais elementos (afetividade e cognição) que regem o comportamento, e para que este seja satisfatório é necessário que haja um sentido para a realização da ação, ou seja, um motivo para que o objetivo seja perseguido”. (MOTA, 2009, p.67).

Portanto, podemos considerar que, “[...], o aspecto afetivo exerce uma função na motivação, na determinação do que chama a atenção; é o dinamizador da vida mental e

também responsável pela seleção das tarefas ou atividades a serem realizadas” (MOTA, 2009, p.66).

Piaget (1986) esclarece e recomenda que os profissionais da educação promovam e incentivem em suas práticas o respeito mútuo entre crianças. Os professores autoritários, de acordo com a teoria de Piaget, precisam repensar sua própria prática, descobrindo assim, meios de substituir o autoritarismo por papéis de educadores colaboradores dentro de um espaço educacional que permita o nascimento do respeito que envolva ambas as partes.

2.1 A influência da afetividade na aprendizagem, na visão de Piaget

No que se refere a aprendizagem, o suíço destaca que a mesma é um processo que começa com o nascimento e só acaba na morte. Ele ainda enfatizou que tal aprendizagem dá-se através do equilíbrio, equilíbrio este, entre a assimilação e a acomodação, resultando assim, na adaptação.

Valendo-se dos conceitos de assimilação, acomodação e adaptação teremos:

A assimilação é a incorporação de um novo objeto ou idéia do que já é conhecido, ou seja, ao esquema que a criança já possui. A acomodação, por sua vez, implica na transformação que o organismo sofre para poder lidar com o ambiente. Assim, diante de um objeto novo ou de uma idéia, a criança modifica seus esquemas adquiridos anteriormente, tentando adaptar-se à nova situação. Na digestão, a assimilação se dá quando ingerimos o alimento e para isto o modificamos (partimos, roemos, dissolvemos conforme a nossa experiência em lidar com alimentos). Pode-se dizer que o alimento (e não o nosso organismo) é modificado e se torna parte do organismo. Por outro lado, o organismo também sofre quando ingerimos um alimento: contrai-se, libera certos ácidos, tenta lidar com o alimento; a isto se chama acomodação (GOULART, 1998, p.17).

Para Piaget (1986), nenhum comportamento humano é só assimilação ou só acomodação, mas, ele deixa bem claro que todo comportamento reflete ambos os processos.

Piaget ainda afirmou que há quatro estágios principais do desenvolvimento mental. O primeiro é o estágio sensório-motor (de 0 a 2 anos), nessa fase, a afetividade não é transferida

da criança para as outras pessoas que estão ao seu redor, isso acontece porque o bebê ainda não apresenta a capacidade de distinguir o “eu” dos outros; assim, o afeto está direcionado para o próprio eu.

De acordo com Piaget (1986, p.16), “no recém-nascido, a vida mental se reduz ao exercício de aparelhos reflexos, isto é, às coordenações sensoriais e motoras do fundo hereditário, que correspondem a tendências instintivas, como a nutrição”. As crianças adquirem a capacidade de controlarem seus reflexos de modo que gerem ações prazerosas e/ou vantajosas, como exemplo, os reflexos da sucção, que melhoram cada vez mais com o exercício.

No estágio pré-operacional (de 2 aos 7 anos), caracteriza-se pelo surgimento da linguagem. Nessa fase, a criança tem a capacidade de recordar ações passadas, bem como, antecipar suas ações futuras através da representação verbal. A criança continua egocêntrica.

Piaget (1986, p.24) diz que: “Do ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias, respeito, etc) e de uma afetividade interior organizando-se de maneira mais estável do que no curso dos primeiros estágios”.

O estágio das operações concretas (dos 7 aos 11 ou 12 anos). A criança, nessa fase, já pode dominar conceitos de tempo e número. Em relação ao afeto Piaget (1986, p.56) ressalta que, “[...] a afetividade, entre os sete e os doze anos, caracteriza-se pela aparição de novos sentimentos morais e, sobretudo, por uma organização da vontade, que leva a uma melhor integração do eu e a uma regulação da vida afetiva”.

Por volta dos 12 anos começa o estágio das operações formais. Nessa fase, o adolescente já passa a ter domínio do pensamento lógico e dedutivo.

Piaget (1986, p.65) diz que, “em paralelo exato com a elaboração das operações formais e com o término das construções do pensamento, a vida afetiva do adolescente afirma-se através da dupla conquista da personalidade e de sua inserção na sociedade adulta”.

Quanto à vida social do adolescente, Piaget (1986) diz que pode apresentar-se em dois momentos: uma fase negativa e uma fase positiva. Ele explica que durante a primeira fase o adolescente parece anti-social, tendo desprezo e/ou desinteresse pela sociedade real.

Assim, na fase da adolescência:

[...], viu-se a afetividade libertar-se pouco a pouco do eu para se submeter, graças à reciprocidade e a coordenação dos valores (sic) às leis de cooperação. Bem entendido, é sempre a afetividade que constitui a mola das ações das quais resulta, a cada nova etapa, esta ascensão progressiva, pois é a afetividade que atribui valor e lhes regula a energia. (PIAGET, 1986, p.69 e 70).

Em todos os momentos, a afetividade, deve ser entendida, portanto, como um processo puramente dinâmico do psiquismo humano, devemos ainda considerar e aceitar que a mesma evolui ao longo do desenvolvimento, apresentando, assim, características afetivas específicas.

Piaget (1986, p.70) ainda diz que, “[...], a afetividade não é nada sem inteligência, que lhe fornece meios e esclarece fins”.

2.2- A afetividade em Wallon

Outro importante teórico que se deleitou nas manifestações afetivas reconhecendo na vida orgânica as raízes das emoções foi Henri Wallon.

Henri Wallon nasceu em 1879 em Paris, França e faleceu em 1962. Graduou-se em Medicina, Psicologia e também Filosofia. Grande parte de sua vida foi dedicada ao estudo das emoções e das relações afetivas. Dedicou-se também a conhecer a infância e os caminhos da inteligência nas crianças.

Henri Wallon foi o primeiro a levar as emoções para dentro da sala de aula. Suas ideias foram fundamentadas em quatro elementos básicos que se interagem o tempo todo, são eles: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

Wallon era muito apaixonado tanto pela política como também pela educação. Acreditava fielmente que reprovar era sinônimo de expulsar, negar e excluir.

Para Wallon, as emoções tinham um papel importante no desenvolvimento da pessoa. É por meio das emoções que a criança e/ou o aluno exterioriza seus desejos e vontades. Assim, explica Heloysa Dantas da Faculdade de São Paulo (USP), “A emoção é altamente orgânica, altera a respiração, os batimentos cardíacos e até o tônus muscular, tem momentos de tensão e distensão que ajudam o ser humano a se conhecer”. Ela ainda enfatiza que, a

raiva, a tristeza, o medo, a alegria e os sentimentos mais profundos ganham função relevante na relação com o meio.

Conforme Dantas (1992), na perspectiva de Henri Wallon, a afetividade é tida como destaque, tanto no que se refere a construção da pessoa, quanto do conhecimento.

Segundo a teoria de Wallon, a organização dos espaços tinham grande importância, pois, as emoções dependiam de tal organização para se manifestarem. O movimento, a motricidade e a liberdade de expressão em sala de aula eram considerados essenciais para fluir as emoções e o pensamento da criança, bem como, o seu desenvolvimento completo.

De acordo com Dantas (1992, p.85), Wallon considera que a atividade emocional é “simultaneamente social e biológica em sua natureza, realiza a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da medição cultural”.

A formação de grupos na educação infantil, para Wallon, era considerado indispensável à criança, não apenas por favorecer sua aprendizagem social, mas, para desenvolver a consciência social, pois, conhecendo os seus colegas ela percebe que é diferente deles e é igual por partilhar algumas condições de vida.

Segundo Goulart (1998, p.22):

Wallon realçava a importância das relações da criança com seus pares na escola, já que elas os escolhia e podia romper as ligações quando quisesse, diferentemente do que ocorre na família. Nestes grupos de iguais se vive a experiência da solidariedade e se aprende a defesa e a oposição as regressões que nos são impostas.

As relações sociais entre criança – criança e criança – adulto – criança, possibilitam o desenvolvimento afetivo, intelectual e social.

Ao se referir ao ambiente escolar Goulart (1998, p.23) ressalta que:

Segundo Wallon, o ambiente humano fornece ao indivíduo os meios (conhecimentos, técnicas, instrumentos) e os motivos para sua ação; a escola é a instituição que tem melhores condições de oferecer à criança os meios

adequados à realização de suas atividades e o professor deve guiar a criança para tirar o máximo proveito dos meios que lhe são oferecidos e dos seus próprios recursos para que ela construa seu desenvolvimento.

Do ponto de vista de Wallon o meio escolar e, portanto, o ambiente educacional é indispensável ao desenvolvimento da criança, pois tal ambiente lhe dá a oportunidade de conviver com outras pessoas, inclusive com adultos que não tem nenhuma ligação e/ou parentesco familiar.

Para Goulart (1998, p.23), “as relações afetivas com o meio humano começam a dominar o comportamento desde o início da vida”. Wallon, em sua teoria, ainda ressaltou a importância de explorar a criatividade da criança, evitando sempre inculcar-lhe o que nós adultos e educadores acreditamos e valorizamos.

Ainda de acordo com Goulart (1998, p.23): “A valorização das relações sociais como base no desenvolvimento afetivo e intelectual é, provavelmente a maior contribuição de Wallon para uma proposta construtivista de educação. Graças a elas, evitamos formar indivíduos limitados e rotineiros [...]”.

Wallon dividiu o desenvolvimento infantil em estágios, tais estágios, apresentam características distintas de acordo com cada fase. Para Wallon o desenvolvimento da pessoa é uma construção, em tal processo, podemos observar a presença de algumas fases ao longo do desenvolvimento onde há predominância afetiva e cognitiva. No estágio impulsivo emocional (1º ano de vida), há predominância da emoção, instrumento importante de interação da criança com o meio. No sensório motor (de 1 aos 2 anos) a criança explora o mundo físico. Nesta fase, a afetividade, a função simbólica e a linguagem, apresentam destaque maior.

No estágio projetivo (de 2 aos 3 anos), nessa fase, o pensamento precisa do auxílio dos gestos para se exteriorizar, há predominância das relações cognitivas com o meio.

O estágio do personalismo (de 3 aos 6 anos), a atividade central é o processo de formação da personalidade. A criança, através das interações sociais, se interessa mais pelas pessoas. Nessa fase, as relações afetivas estão mais presentes.

O estágio categorial (abrange os 6 anos), nesse estágio, nota-se a presença de importantes avanços no plano da inteligência. As crianças passam a se interessar pelas coisas, bem como, pelo conhecimento. Há predominância do aspecto cognitivo.

No estágio da adolescência a crise pubertária rompe a “tranqüilidade” afetiva. Há conflitos constantes devido as modificações corporais resultantes da ação hormonal. O aspecto afetivo predomina nesta fase.

A afetividade vem evoluindo muito ao longo do desenvolvimento humano. Muitas vezes, o termo afetividade tem sido confundido com algo já pronto e acabado. Na verdade, a afetividade tem um sentido mais amplo: nela, podemos notar a presença constantemente de sentimentos e emoções que são modificados dependendo da fase por qual está passando a criança.

2.3- Vygotsky: breves concepções educacionais

Outro importante teórico que tematizou e deu sua contribuição na área das relações entre afeto e cognição foi Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), Psicólogo, formado em Direito, se destacou em Psicologia. Produziu mais de 200 trabalhos científicos. Também cursou Medicina, História e Filosofia. Inquestionavelmente ele acreditava que o aprendizado se dava a partir da compreensão do homem como um ser que se forma em contato com a sociedade. Para Vygotsky a aprendizagem é um processo no qual há relação interpessoal, que envolve alguém que ensina e a própria relação entre ensino-aprendizagem.

Outra contribuição Vygotskiana sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem foi a Zona de Desenvolvimento Proximal, que consiste no caminho entre o que a criança consegue fazer sozinha e o que, a mesma, está perto de conseguir fazer sozinha.

Ao referir-se à Zona de Desenvolvimento Proximal, Goulart (1998, p.26) ainda reforça dizendo que:

Trata-se da distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. A zona proximal define funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação e poderão amadurecer graças à estimulação adequada.

Este aspecto referente à zona de desenvolvimento oferece aos educadores meios através dos quais, os mesmos, possam compreender o curso interno do desenvolvimento de uma criança, e isto inclui, todo o processo físico e também o emocional. Assim, “[...] o que a criança faz hoje, com assistência, pode vir a ser feito por ela sozinha amanhã” (GOULART, 1998, p.26).

Embora a afetividade não tenha sido um tema específico dentro dos estudos de Vygotsky, “[...] destaca-se como uma constante em seu pensamento a importância das conexões, profundas, entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psicológico do homem” (OLIVEIRA, 1992, p.83).

2.4- Pestalozzi: o ideal de amor irrestrito

Para o educador suíço Johann Heinrich Pestalozzi (S/D) as emoções representavam um papel importante no processo de aprendizagem da criança. O afeto teve uma função central em sua teoria, principalmente em relação ao amor materno.

Segundo Pestalozzi (S/D), o modelo que deveria ser seguido pelas instituições educacionais seria o próprio lar. Ambiente este que fosse marcado pela cooperação e compreensão. O educador, por sua vez, deve ter uma postura amorosa que estimule as crianças em todos os momentos, que enfatize a importância de se ter um comportamento ético, o mesmo, deve servir como exemplo em todas as atividades. Assim, pode-se afirmar que o lar, para o suíço era a melhor instituição de educação, era, portanto, considerado a base de uma formação, uma vez que, tal formação, deveria contemplar três aspectos: a política, a moral, e a religião.

A instituição educacional deveria ser bem organizada a fim de proporcionar à criança atividades desenvolvidas de maneira flexível, bem como, oferecer à criança segurança e afeto. O ideal de amor enfatizado por Pestalozzi deveria ser irrestrito, pois, tinha que incluir o bom estudante, ou seja aquele considerado o aluno brilhante e o fraco.

Pestalozzi (S/D) ainda ressaltou de maneira clara que o ser humano desenvolve-se através de três dimensões humanas: pela cabeça, pelas mãos e pelo coração. Na visão de Pestalozzi, a cabeça, por sua vez, simboliza o desenvolvimento intelectual. A ênfase maior era

dada a uma educação que visasse os interesses das crianças e não os interesses na perspectiva dos adultos. O objetivo dessas dimensões era fazer com que o indivíduo fosse formado com tripla finalidade: intelectual, física e moral.

Pestalozzi (S/D) ainda ressaltou a importância de treinamento manual, para todas as crianças, “[...], e a importância de a criança desenvolver destreza prática” (OLIVEIRA, 2002, p.66) pois, acreditava inquestionavelmente que nossas mãos são tão essenciais quanto nosso intelecto.

Entretanto, de acordo com a teoria de Johann Heinrich Pestalozzi (S/D), a educação sem o desenvolvimento do coração é incompleta. Temos, assim, que cultivar a nossa capacidade de amar. Ele ainda ressaltou que aprendemos o amor inicialmente em casa, por isso, se torna importante as ideias e as atitudes dos pais, principalmente da mãe. As concepções educacionais de Pestalozzi deveria envolver a integração harmoniosa entre: cabeça, mãos e coração.

Pestalozzi (S/D) acreditava que o desenvolvimento é orgânico, assim, a criança se desenvolve por leis bem definidas. O professor, por sua vez, era comparado ao jardineiro que rega as plantas para que elas cresçam e se desenvolvam. “Sua pedagogia enfatizava ainda a necessidade de a escola treinar a vontade de desenvolver as atitudes morais dos alunos” (OLIVEIRA, 2002, p.66).

Na perspectiva adotada por Pestalozzi (S/D) a criança se desenvolve de dentro pra fora. Neste sentido, o professor, deveria respeitar os estágios de desenvolvimento pelos quais as crianças passam. Oliveira (2002, p. 65) diz que, “considerava ele que a força vital da educação estaria na bondade e no amor, tal como na família, e sustentava que a educação deveria cuidar do desenvolvimento afetivo das crianças desde o nascimento”.

Em suma, devemos considerar que a concepção de educação, para Pestalozzi, partia de uma perspectiva puramente afetiva, onde, “[...] educar deveria ocorrer em um ambiente o mais natural possível, num clima de disciplina estrita, mas amorosa, e pôr em ação o que a criança já possui dentro de si, contribuindo para o desenvolvimento infantil” (OLIVEIRA, 2002, p.65 e 66).

Ainda de acordo com Oliveira (2002, p. 66), Pestalozzi,

Também se preocupou com a idéia de que a educação deveria ser metodicamente ordenada para os sentidos: a percepção da criança seria educada pela instituição e o ensino deveria priorizar coisas, não palavras. Adaptou métodos de ensino ao nível de desenvolvimento dos alunos por intermédio de atividades de música, arte, soletração, geografia e aritmética, além de muitas outras de linguagem oral e de contato com a natureza.

Autores como Pestalozzi, entre outros, contribuíram e estabeleceram as bases para um sistema de ensino de qualidade mais centrado na criança. Muitos deles sentiam-se compromissados com questões sociais relativas as crianças, mas, cuidaram também de elaborar propostas educacionais que compensassem eventuais dificuldades de desenvolvimento e o aspecto emocional, e afetivo tornaram-se relevantes para o processo de ensino-aprendizagem da criança.

3- REFLETINDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Assim como no ambiente familiar, a criança também apresenta manifestações afetivas em ambientes sociais, a exemplo de creches e pré-escolas. Na Educação Infantil, a construção de vínculos afetivos, se torna essencial para o processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando se trata das relações afetivas entre criança – professor – criança e criança – criança.

Mas, como se dá o processo de ensino-aprendizagem na educação infantil? Como a afetividade influencia neste processo? O que é realmente a aprendizagem?

Essas e outras indagações estão presentes e tem sido pesquisadas e estudadas por grande parte dos teóricos, tais como Piaget, Wallon, Vygotsky, entre outros.

Para compreendermos melhor qual o papel que a afetividade desempenha na vida da criança faz-se necessário entendermos como acontece o processo de aprendizagem e o que ocorre em termos comportamentais. Sabemos que a aprendizagem é um processo, e que através dela é que o homem muda e transforma o meio.

De acordo com Zanella, (2003, p.24), “a aprendizagem é um processo que, uma vez iniciado com o nascimento, só finda com a morte”. Isto quer dizer que o indivíduo está

sempre aprendendo e seu comportamento, seus desejos e enfoques variam à medida que aprende.

Conforme Zanella (2003, p.24), como o ser humano interage em ambientes variados a aprendizagem ocorre e também acontece em diversas situações, ou seja, existem aprendizagens que acontecem no contexto informal e aprendizagens que ocorrem no contexto formal.

Na aprendizagem informal o indivíduo aprende com as experiências e situações do próprio dia – a – dia. Nesta situação, não há, portanto, uma programação prévia, ou seja, a situação não é por ele planejada e objetivada. O indivíduo mesmo sem ter o conhecimento devido sobre determinada ação, pode aprender.

Zanella (2003, p.24), ainda diz que, “estas aprendizagens levam – e muito – o sujeito à mudança e à evolução. Assim, muita coisa se aprende sem que haja uma deliberação planejada; é o que se conhece como aprendizagem circunstancial, significando um grande número de aprendizagens na vida humana”.

Outro tipo de aprendizagem refere-se a aprendizagens formais. Tais aprendizagens situam-se à nível de sala de aula, “[...], onde os eventos devem ser organizados, planejados e encadeados de tal forma que seja possível ao aprendiz vislumbrar coerência e significado no que deve ser aprendido”. (ZANELLA, 2003, p.24).

Zanella (2003) ainda reforça que, as aprendizagens podem acontecer independente de qualquer prática ou experiência que já tenha passado anteriormente, constituindo-se o que se chama aprendizagem por experiência. Ela ressalta a importância que a memória tem no processo de aprendizagem, pois, sem ela, tais aprendizagens não teriam significado algum. Assim:

[...] é a memória o elemento que faz a ligação entre o ontem e o hoje e, embora não existam ainda conhecimentos substanciais acerca de seu funcionamento, sabe-se que, através dela, pelo menos em parte, aquilo que foi aprendido fica retido e, de alguma forma, alguns fatos podem ser reativados pela lembrança.

Neste sentido, fica claro que, a memória, é um fator bastante importante porque permite ao indivíduo que os fatos ocorridos anteriormente sejam lembrados e assim se possa estabelecer relação com o hoje.

De maneira geral, a aprendizagem não se limita apenas às situações de sala de aula. A aprendizagem é um processo contínuo que está sempre em constante transformação, não é algo pronto e acabado. Tudo o que o indivíduo realiza no mundo está baseado na aprendizagem, existem, portanto, diversos fatores que contribuem para o conhecimento ocorrer.

Segundo Zanella, (2003), toda e qualquer aprendizagem, quer seja hábito, informação, conhecimento ou aprendizagem de sentimentos e emoções são importantes para a vida porque vão levar o indivíduo ao sentido de adequação e participação no meio. É também importante ressaltar que existem algumas condições que podem favorecer ou inibir as aprendizagens, tais como: condições físicas, psicológicas, ambientais e sociais.

Nas condições físicas destacam-se as condições orgânicas, incluindo a maturação. Segundo Zanella (2003, p.32):

Entendam-se condições de amadurecimento físico/psicológico e que permitam a realização de determinadas aprendizagens. Embora o termo maturação seja mais empregado no que se refere ao físico e ao amadurecimento do sistema nervoso, é bastante comum que o termo seja também empregado em relação à personalidade, afetividade ou socialização.

A aprendizagem contempla o uso de todas as capacidades e potencialidades do indivíduo, tanto físicas como mentais e afetivas. As condições psicológicas, de acordo com Zanella (2003), dizem respeito à motivação do indivíduo, se refere, portanto, a forma como este direciona sua ação na aprendizagem. As condições ambientais também influem na aprendizagem, portanto, um ambiente adequado, com boas condições físicas agradáveis, com boa iluminação, favorecem para a aprendizagem da criança.

Em se tratando das condições sociais, Zanella (2003) destaca que em qualquer situação o ser humano tem sempre como referência o contexto social, assim, quando se fala em condições sociais de aprendizagem a competição e a cooperação desempenham forte influência sobre os indivíduos.

Vimos que existem fatores essenciais e considerados indispensáveis para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória. A afetividade, por sua vez, é algo sério, sendo

considerada um dos aspectos essenciais para a aprendizagem ocorrer, principalmente, em crianças pequenas.

Não poderíamos esquecer que a afetividade é fundamental para o adulto conhecer a criança em sua especificidade. O afeto, as emoções, e os sentimentos, aprimoram o desenvolvimento integral da criança, possibilitando, que a mesma crie novas condições que auxilie nas relações afetivas com as outras pessoas.

Qual o papel da creche e pré-escola nas relações afetivas? Como estimular de maneira dinâmica e criativa as relações de afeto na Educação Infantil?

Acredita-se que a principal finalidade da creche e, portanto, da educação, é ajudar o indivíduo a evoluir levando-o a promover o seu aprendizado físico, social e intelectual, emocional e moral. É através da educação que estimulamos o indivíduo a desenvolver suas características individuais, contribuindo, desta forma, para a formação de seres pensantes, autônomos e criativos.

No ambiente escolar, a relação criança – professor – criança e criança – criança é constante dá-se o tempo todo, seja na sala de aula, no refeitório, no pátio, nos passeios, no dormitório, na higienização, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação entre os sujeitos, levando a construção de um conhecimento totalmente envolvente e fascinante. Assim, essa relação afetiva entre criança – professor – criança e criança – criança é essencial para uma relação satisfatória. De acordo com Saltini (1997, p.89), “essa inter-relação é o fio condutor o suporte afetivo do conhecimento.

O professor, por sua vez, precisa incentivar os seus alunos em todos os momentos, dando-lhes apoio e se relacionando de forma afetiva com os mesmos. É certo que, uma relação de amor, carinho e afeto, não diminuirá a responsabilidade e a autoridade do educador dentro da sala de aula. Existem momentos destinados a aprendizagem e os momentos reservados aos carinhos e cuidados, o educador, pode de forma dinâmica, associar esses dois momentos, pois, um deve estar interligado ao outro.

A ênfase dada à emoção, aos sentimentos e ao afeto na sala de aula torna o professor mais humano, capaz de entender e compreender o próximo. É importante que os educadores tenham sempre em mente que nossa tarefa se limita além da sala de aula. Nós profissionais da educação, devemos sempre ajudar aos nossos alunos, não apenas oferecendo-lhes um aprendizado de qualidade, é claro que este fator é importante, mas também, dando-lhes um

suporte emocional a fim de contribuir para uma relação afetiva cujo objetivo seja alcançar um aprendizado eficaz em consonância com a afetividade.

Neste sentido, Morales enfatiza que:

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado, buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional. Uma relação afetiva com os seus alunos, evidentemente, não implica diminuir a autonomia docente em sala de aula. Pelo contrário, a ênfase na emoção e na afetividade humana imprime ao professor a essência humanizadora de seu próprio ser. Cabe, assim, descartar a frase: “na sala de aula, eu me limito a ensinar, me relaciono com os alunos apenas fora da classe [...]” (MORALES, 1999, p.13)

Sabemos que a escola, especificamente, as que oferecem educação infantil, além de ser um estabelecimento de participação e respeito entre os profissionais que ali trabalham e entre esses e as famílias torna-se a base de toda aprendizagem, oferecendo assim, as condições necessárias para que a criança se sinta segura e protegida. Portanto, se torna imprescindível a presença de um educador que tenha plena consciência de sua importância, não apenas como mero reprodutor, mas sim, como agente mediador de um processo de aprendizagem ampla, envolvendo conteúdos e também emoções, sentimentos, afeto em relação ao outro.

Devemos ainda destacar que o ser humano é um indivíduo que age, muitas vezes, com a razão, esquecendo-se que além da razão existem também sentimentos. Os sentimentos, muitas vezes, podem e devem vir sempre em primeiro plano. Da mesma forma é o educador que age, quase sempre, com a razão esquecendo-se que a criança, além de ser alguém que age com a razão, também tem sentimentos, necessidades e valores.

Acreditamos que para atingirmos bons resultados no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo do sujeito, a relação criança – professor – criança e criança – criança é fundamental para um desenvolvimento integral de qualidade.

Na creche e na pré-escola e, em qualquer ambiente educacional, a criança, precisa estar em contato com educadores maduros afetivamente e que estabeleçam relações satisfatórias. A criança, de forma alguma, deve se sentir excluída e reprimida, pelo contrário, deve ser aceita e compreendida sempre, portanto, cabe ao educador aprimorar e estabelecer um elo afetivo, seja através do diálogo, de brincadeiras, da música, da roda de conversa,

enfim, o importante é o educador ser capaz de despertar o afeto na criança a fim de que sejam adquiridas capacidades emocionais em prol de uma educação de qualidade e eficaz.

O ambiente da creche e da pré-escola, assim como o espaço da sala de aula, devem ser marcados por um clima harmonioso, cooperativo e estimulante que favoreça à criança o desenvolvimento da aprendizagem e conseqüentemente da inteligência. Os cuidados, por sua vez, seja na alimentação, higienização e na aprendizagem, devem estar voltados para o afeto. Assim, Boff (1999, p.34), enfatiza que, “cuidar é entendido como uma atividade de ocupação, preocupação, de responsabilidade e do desenvolvimento afetivo com o outro”. Portanto, de forma alguma, podemos separar os cuidados oferecidos à criança com as relações de carinho e de afeto, pois, um deve estar interligado ao outro de maneira dinâmica, clara e consciente.

É nesse processo de aceitar, cuidar e se responsabilizar com o outro que se dá a interação afetiva entre os sujeitos, sabendo que, o professor precisa compreender a criança, seja no seu jeito de ser, de agir, nos seus medos, nas suas limitações, mas, também deve compreender a si mesmo, pois, um educador que é imaturo jamais conseguirá agir de forma consciente diante das dificuldades encontradas na sala de aula, principalmente quando se refere ao estado emocional e afetivo da criança. De acordo com Hillal:

O professor deve ser capaz de compreender a dinâmica da personalidade do aluno. Frequentemente os professores desconhecem o valor das reações inconscientes, tanto em si mesmos como nos alunos. Se o professor é imaturo, reagirá inconscientemente à imaturidade pessoal do aluno. Mas se o professor for uma personalidade madura estará apto a compreender e ajudá-lo a resolver seus problemas e conflitos, não projetando suas dificuldades pessoais na transferencial que estabelece com o educando (HILLAL, 1985, p.16).

O professor precisa estabelecer junto a criança vínculos de segurança, confiança, incentivo e afeto, pois, além de ajudá-la a superar seus medos e incertezas, um laço de afeto pode contribuir de forma positiva na aprendizagem. Para tanto, se torna indispensável essa inter-relação entre criança – professor – criança e criança – criança na Educação Infantil, assim, podemos afirmar que essa relação é a base da afetividade.

Conforme Hillal:

A afetividade é o suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos, outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falhas no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida e de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades (HILLAL, 1985, p.18).

Se o elo afetivo não foi estabelecido de forma dinâmica e positiva com a família (mãe e pai) cabe ao educador aprimorar este aspecto. Demonstrando carinho, amor, afeto e, principalmente dialogando com a criança de forma clara e sincera o educador poderá estabelecer junto à criança um vínculo afetivo sincero e verdadeiro. Assim, é evidente que não cabe apenas à família aprimorar o desenvolvimento afetivo da criança. A partir do momento que os laços entre família – creche – criança se entrelaçam, e, conseqüentemente, a criança passa a conhecer a rotina da creche e entra no processo amplo de aprendizagem, o educador, torna-se o principal responsável e o mediador do conhecimento.

Os pais desempenham uma função inigualável, porém, os educadores também podem contribuir para a afetividade da criança.

Diante disto, podemos questionar: De que maneira os educadores podem prestar e/ou dar sua contribuição no processo afetivo da criança? Quais atividades podem ser trabalhadas em sala de aula que contribuam para inibir a agressividade e despertar o afeto? Inúmeras são as formas do educador contribuir para que as relações afetivas se tornem uma prática constante e diária. O educador pode levar para dentro da sala de aula e, portanto, para a sua prática, atividades dinâmicas, a exemplo, dos jogos afetivos, jogo com música e brincadeiras diversas. Sabemos que em tais atividades o toque é fundamental e desempenha um papel essencial para as relações afetivas. O toque, de modo geral, ajuda a criança a se relacionar afetivamente com o seu colega, além de despertar emoções, o toque, é uma maneira de demonstrar amor e carinho ao próximo.

Os jogos afetivos são considerados importantes, uma vez que, valorizam muito o toque, por exemplo, beijar, abraçar, pegar na mão, fazer carinhos e até mesmo elogiar ao outro. Todas essas ações que envolvem o toque são maneiras de desenvolver o afeto, pois, contribuem para que a criança se sinta amada e única.

É importante destacar que:

A maioria dos estímulos começa na família. Quando a criança não os recebe ou recebe muito pouco, ela pode desenvolver um desconforto em se relacionar com as pessoas. Segundo a educadora Fátima, crianças que sofrem ou sofreram algum tipo de violência em casa, podem entender o toque como algo ruim, que vai lhe fazer mal e, acaba evitando se aproximar dos colegas até mesmo em brincadeiras (MEDEIROS, 2009, p.410).

Para que os pais compreendam a importância dos jogos afetivos em salas de educação infantil é necessário que a creche esclareça e incentive os mesmos a estimularem seus filhos em casa, por meio de abraços, elogios, beijos, etc, assim, fica mais fácil para os educadores aprimorarem este aspecto em sala de aula.

Além disso, o educador precisa estar sempre disposto ao querer bem aos educandos, é essencial, acima de tudo, saber ouvi-los, respeitá-los e não apenas tratá-los como sendo adultos em miniatura. Nesse sentido, sabemos que a criança nem sempre foi compreendida e respeitada na sua especificidade. Vários estudos apontam que as crianças, durante muito tempo, eram tratadas como se não tivessem sentimentos e/ou necessidades próprias.

Atualmente, pensar a criança é referir-se a uma infância marcada por alegrias, emoções, ou seja, a infância é considerada um momento único. O adulto, por sua vez, deve ser capaz de compreender os sentimentos, as emoções, os interesses, os pensamentos da criança e de maneira nenhuma pressioná-la e impor-lhes os seus próprios interesses.

No ambiente educacional as relações de carinho, afeto, emoções se intensificam. A criança demonstra uma maior receptividade ao amor e ao afeto das outras crianças, e portanto, da vida em grupo. O professor desempenha um papel importante para os vínculos de afeto estabelecidos na creche. O mesmo precisa estar afetivamente preparado para o querer bem aos educandos, e portanto, a sua própria prática educativa.

De acordo com Freire (1996, p.141): “Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la”.

O querer bem, o afeto e as emoções, são formas de expressar o compromisso, a dedicação e a seriedade que o educador deve ter diante da criança e da sua prática docente. Se torna quase que impossível uma relação entre criança – professor – criança e criança – criança

sem existir nenhum tipo de afeto uns com os outros, sabemos que, esta relação é constante, dá-se todos os dias, durante todo o ano letivo, neste sentido, acreditamos que a afetividade permeia o ambiente e o espaço da creche numa inter-relação entre os profissionais e as crianças que ali se encontram. “Na verdade, preciso destacar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade”. (FREIRE, 1996, p.144).

Então, nós profissionais da educação, devemos aceitar e contribuir para que o afeto esteja sempre presente nas relações entre professor – criança – e criança – criança, pois além do nosso trabalho torna-se algo prazeroso, contribui para o desenvolvimento intelectual da criança.

Freire (1996, p.141), destaca que: “Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponho nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que deve ensinar”. A afetividade e o querer bem aos educandos significa, de modo geral, à disponibilidade de viver e presenciar a prática educativa com alegria. Tal alegria permite que o professor não se transforme num ser amargo, arrogante e repleto de dúvidas e incertezas com relação à educação e à ação docente.

É certo que:

[...] A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que tenha por ele (FREIRE, 1996, p.141).

Quando se fala no querer bem e no afeto que o educador deve ter com o educando é essencial destacar que esta relação afetiva deve ser recíproca, tanto por parte do educador como também por parte do aluno. Mas, sabemos que existem alguns fatores que contribuem para que tal relação afetiva seja recíproca. Primeiramente, antes de qualquer ação ou palavra, faz-se necessário saber escutar e respeitar os sentimentos mais íntimos da criança. Será que realmente conseguimos ver e escutar a criança? Será que prestamos a devida atenção aos seus sentimentos?

Quão importante e necessário é saber escutar. O professor, para alcançar o respeito, o carinho e o afeto da criança, jamais deve ser um educador autoritário, o dono da verdade. Não é falando de cima para baixo, principalmente quando se trata de criança, que o mesmo

conseguirá conquistar a confiança e o afeto, “[...] mas é escutando que aprendemos a falar com eles”. (FREIRE, 1996, p.113).

Freire (1996, p.113), ainda ressalta que, “[...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. É importante que o educador tenha consciência de seu compromisso, responsabilidade, dedicação e aprenda a escutar a criança, sobretudo, não somos “portadores da verdade a ser transmitidas aos demais”, mas, é escutando que aprendemos a nos relacionarmos afetivamente com eles.

Diante disto, é interessante para o educador, a vigilância, a todo instante, do seu bom senso na hora do diálogo, bem como, nos momentos de escutar o outro e compreender seus sentimentos e emoções.

Vale esclarecer que,

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo, e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.66).

Para a criança, o professor é um ser nobre, alguém capaz de despertar os mais impossíveis dos sonhos com os conhecimentos que ele traz consigo, e, suas ações é um fator determinante para a concepção de professor que será formada pela criança. A desconsideração e o desrespeito com os sentimentos da criança fortalecem ainda mais a maneira autoritária de falar de cima para baixo. O afeto é primordial para acabar com o desrespeito e o autoritarismo na educação infantil. São apenas crianças. Que não encontrando afeto, carinho, atenção e respeito no ambiente familiar buscam incansavelmente carinho, atenção, amor, compreensão no ambiente educacional.

A atividade docente e, portanto, a prática educativa deve ser marcada com grandes alegrias, afetividade, capacidade docente, emoções e sentimentos, pois, um espaço emocional adequado, gerado por bons relacionamentos entre professor e criança é considerado fundamental, não apenas para agradar à criança, mas sim, para proporcionar-lhes uma inteligência emocional satisfatória. Neste sentido, quando enfatizamos a inteligência emocional, estamos, portanto, nos referindo:

Ao modo como as pessoas utilizam suas emoções – as habilidades da automotivação, do autocontrole, do entusiasmo e da persistência. De modo geral, essas qualidades não são herdadas, e quanto mais as ensinarmos para as crianças, maiores as suas chances de aproveitarem suas capacidades intelectuais (GIDDENS, 2005, p.421).

Assim, alguns profissionais da educação, precisam revisar e repensar sua prática docente, principalmente quando as relações afetivas e as emoções não fazem parte do foco principal do seu planejamento. No entanto, devemos ainda aceitar que a inteligência depende de fatores que contribuem para o sucesso na vida, tanto sucessos obtidos profissionalmente como também emocionalmente. Então, o clima e o estado emocional do indivíduo, tanto do professor como também da criança é essencial para haver aprendizagem. Diante disto, os educadores precisam, além de dominarem os conteúdos que ensinam, devem saber identificar as necessidades das crianças.

Neste sentido, o clima emocional adequado dentro da sala de aula é um fator importante, pois, nas instituições educacionais em que as crianças se dão afetivamente bem com os colegas e com os educadores, os mesmos, também se saem melhor no processo de ensino-aprendizagem.

Mas, de que forma o ambiente emocional pode favorecer o aprendizado? Quando as crianças se sentem aceitas como realmente são ficam mais espontâneas seguras e participativas, sem temor de cometer erros. É óbvio que o fato da criança cometer erros é fundamental para a aprendizagem. Construir uma relação de confiança pode demorar muito, mas certamente contribui para uma relação afetiva harmoniosa.

Atualmente as instituições de ensino não tem lidado com as emoções como deveriam. Partindo do princípio de que muitas creches ainda dão ênfase a um modelo antigo de instituição educacional. Sabemos que no século XIX, os sistemas educacionais foram criados tendo como base uma visão racionalista do ser humano, assim, as emoções, o afeto, os sentimentos e tudo o que tivesse haver com o corpo tinham de ser afastados da sala de aula.

Vale ainda esclarecer que o ser humano divide-se em três partes: razão, emoção e corpo. Diante disto, o indivíduo deve deixar de ser visto apenas como um ser puramente racional, uma vez que, pensando desta forma o educador consegue identificar e trabalhar as emoções, não apenas das crianças, mas também, as das outras pessoas ao seu redor.

No diálogo com as crianças, o educador, pode perceber e identificar as necessidades das mesmas. É através do hábito de ouvir e conversar com o outro que o educador presta atenção, não apenas nas palavras, mas também, nos gestos, nas atitudes, nas expressões e até na linguagem corporal da criança.

Na educação infantil o momento da roda de conversa é outro fator determinante que contribui para aprimorar e desenvolver o afeto em sala de aula. É na roda de conversa que aprendemos a respeitar e ouvir o outro, tal momento, é considerado privilegiado, pois, há trocas constantes de informações entre as crianças.

De acordo com Zanini (2008, p.72),

O círculo, a roda, a circunferência trazem incorporada em sua simbologia a idéia de integração, de totalidade, troca. Não há um início nem um fim. Não há pontas. Não há desigualdade de posicionamentos. Todos os seus pontos estão lado a lado, de forma simétrica.

A roda permite que todas as crianças estejam mais integradas e juntas em equilíbrio. Assim, fica evidente que na roda de conversa,

[...] Não há luta pelo poder, não há desigualdades; todos estão incluídos e têm as mesmas possibilidades de crescimento. Mas a roda, para reunir todos esses elementos, necessita ser fluida. Não pode nunca ser rígida. Ela tem que permitir aos indivíduos a possibilidade de crescimento de trocas, o ouvir e o falar, o respeito e a conquista da identidade (ZANINI, 1008, p.73).

Entretanto, a roda para acontecer necessita, além de um espaço adequado, de atitude. Esta atitude não pode se destinar a controlar as ações das crianças, pelo contrário, deve ser uma atitude de respeito e de vínculos afetivos, para assim, possibilitar que o grupo se sinta integrado e mais unido. Ao educador cabe permitir que o espaço da roda de conversa seja apropriado e reservado ao momento do diálogo. O ato de ouvir o outro se torna, assim, essencial, tanto para fortalecer a prática do educador como para a conquista de vínculos afetivos. De acordo com, Zanini (2008, p.76):

Nas rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e os modos de ser são diferentes para

cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito à opinião do outro vão então sendo construídos por meio das trocas que se estabelecem entre educandos e educador. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador do grupo. São também esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro.

A cada momento que o educador e educando se abrem para o diálogo, aprendem a compreender o outro e vão aos poucos construindo laços mais estreitos e afetivos com a turma e com cada criança em particular.

Outro fator essencial e bastante comum na educação infantil é a formação de grupos. Segundo Zanini (2008) o grupo é considerado um elemento essencial, a criança, por sua vez, esta se constitui como um ser humano pelas relações de afeto que estabelece tanto com o meio como também com as outras pessoas, é através do grupo, que a criança tem a liberdade de exercitar suas polaridades.

De acordo com Zanini (2008, p. 82) outros elementos são essenciais para um grupo constituir-se: a rotina e constância. “A rotina estrutura a vivência do grupo, fazendo-o acontecer. Assim, são organizados os tempos, os espaços, as atividades, as situações, estabelecendo uma referência do grupo” dando-lhes segurança e autonomia. “A rotina, que é a base do grupo, não deve ser rígida e sim flexível”. Na creche e na pré-escola é primordial que a rotina seja estabelecida de forma viva, alegre e criativa, o planejamento das atividades devem favorecer a criatividade da criança, sempre com abertura para o novo.

Assim, Zanini (2008, p. 83), esclarece que:

[...] Para que a rotina aconteça e o grupo se constitua, é preciso constância, compromisso de tempo, horário, atividades, participantes. A constância possibilita o aprofundamento dos movimentos do processo de aprendizagem. Assim, o educador deve estar atento a essa rotina, aos ritmos do grupo, aos ritmos de cada um.

Acreditando que o grupo é uma construção sendo essencial para que haja vínculos afetivos entre educador e criança, faz-se necessário, que o mesmo esteja sempre presente e

disposto, que crie uma rotina viva, alegre e que incentive a criança a viver afetivamente tal rotina. Como bem diz Zanini (2008, p.84):

Por meio das trocas, dos conflitos e das percepções, cada um faz a sua história, significa a sua identidade e percebe-se integrante de um grupo. Nesse processo de construção, os vínculos se fortalecem e as identidades individual e coletiva começam a se fazer visíveis pelas marcas da presença do grupo – seus rituais, sua convivência, seu processo de conhecimento.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Sabendo que o professor é o grande responsável e conhecedor da importância dos laços afetivos na Educação Infantil, principalmente tendo plena consciência que tais laços afetivos desempenham forte influência no desenvolvimento integral da criança, foram aplicados questionários com quatro professoras, sendo todas elas graduadas em Pedagogia.

Para compreendermos melhor o elo afetivo estabelecido na Educação Infantil e como tais vínculos são estimulados pelos educadores passamos agora a refletir sobre a importância desse referencial afetivo para as crianças e educadores, assim como, ressaltar os diversos tipos de relacionamentos entre criança – professor – criança e criança – criança no âmbito educacional.

Durante o período de observação na creche já mencionada anteriormente, aplicamos um questionário junto aos professores do Maternal I e Maternal II, e Pré I e Pré II. Tal questionário foi entregue aos mesmos, nos quais, tiveram a oportunidade de responderem de acordo com suas concepções acerca da afetividade.

A seguir, quadros com perguntas e respectivas respostas dadas pelas professoras sujeitos da pesquisa:

1. Qual é a sua concepção sobre afetividade e como ela se desenvolve no sujeito?	
Prof ^a . A	Inquestionavelmente, o desenvolvimento humano está relacionado a diversos setores como o social, intelectual, corporal, e é claro, aos sentimentos e as emoções. É por meio da afetividade que nos identificamos com as outras pessoas e somos capazes de compreendê-las, amá-las e protegê-las.
Prof ^a . B	A afetividade é a mola propulsora que ajuda na formação da personalidade do ser humano, assim, estimulá-la é necessidade da Educação Infantil, a partir do convívio harmonioso e diário.

Profª. C	A afetividade é um recurso que favorece uma boa relação entre as pessoas. Os afetos que recebemos em nossa vida se retrata em ações naquilo que pensamos e falamos.
Profª. D	É através da afetividade que somos capazes de entendermos melhor as outras pessoas além é claro, de oportunizar uma relação de segurança, confiança e respeito.

Podemos observar nas respostas das professoras que o afeto representa um meio que favorece para uma relação satisfatória, assim como também, é entendido como uma das molas mestres que ajuda na formação integral do sujeito. Vimos ainda, que o afeto, as emoções, e os sentimentos, na visão dos educadores, assume um papel relevante para o desenvolvimento humano, abrangendo outros setores como o social, intelectual, físico e moral.

Neste sentido, de acordo com Mota (2009, p.66), “o afeto exerce função central na motivação, na determinação do que chama a atenção; é o dinamizador da vida mental e também responsável pela seleção das tarefas ou atividades a serem realizadas”.

A afetividade é, portanto, fundamental para o desenvolvimento da personalidade, assim como também, das potencialidades da criança. Nesta perspectiva, podemos considerar que o afeto, as emoções e os sentimentos, são vistos como uma ferramenta básica que proporciona meios e fins para um ensino de qualidade, uma relação harmoniosa, assim como, possibilita a transformação social do ser humano.

Falar sobre a afetividade é ir além de algo considerado como sendo estruturas prontas e acabadas, Parafraseando Medeiros (2009), é ressaltar, de modo geral, as vivências adquiridas desde o momento do nascimento até à vida adulta e a influência de tais vivências nos processos de aprendizagens. A afetividade é muito mais do que simples conceitos a serem seguidos e normas a serem estabelecidas.

Parafraseando Mota (2009), quando se fala em afeto, de maneira alguma podemos nos esquecer que a afetividade inclui sentimentos, emoções, desejos, interesses, tendências, valores e que estes são expressos, tanto por crianças como também por adultos, das mais variadas formas, a exemplo dos gestos, do toque, das palavras, do olhar, enfim, o afeto constitui em tudo aquilo que fazemos, pensamos e acreditamos ser um ato de amor, carinho, cuidado, não apenas em relação a si mesmo, mas também em relação ao outro, o afeto é, portanto, parte integrante da nossa subjetividade.

Desde o nascimento, percebemos na criança a necessidade de se relacionar afetivamente com as outras pessoas. A participação da família nesse processo de interação afetiva é essencial, mas, é na creche que a criança conhece a dinâmica de conviver e se relacionar em grupo, respeitando o outro e sendo respeitada, como esclarece Zanini (2008).

2. No seu processo de formação você foi orientado (a) para lidar com as questões emocionais ou afetivas? Que importância isso tem pra você?	
Profª. A	Na minha infância e formação foi tudo em clima de afeto, amor, atenção, através disso, hoje educo com amor e afeto, não consigo educar sem cuidar e cuidar sem educar.
Profª. B	Não, infelizmente não fui orientada. No dia-a-dia da dinâmica do processo educativo faz muita falta, no entanto, creio que buscar informações sobre este e muitos outros assuntos relevantes faz parte do trabalho do educador.
Profª. C	Em alguns casos. Vejo a afetividade como suporte na construção do cidadão no universo educacional e na vida pessoal.
Profª. D	No meu processo de formação tudo o que envolvesse sentimento tinha que ser proibido em sala de aula. A afetividade, por si só, é muito essencial, pois, é o eixo que ajuda na formação da personalidade da criança.

Vimos, portanto, que o aspecto emocional representa grande importância para a formação integral do sujeito. Entretanto, sabemos que um ambiente repleto de afeto e emoções reflete de forma positiva para o desenvolvimento do ser. Identificamos, através das respostas das professoras, que o afeto em sala de aula ainda deixa muito a desejar, isto ocorre devido à falta de estímulos afetivos na formação de docentes. Outro fator relevante refere-se a grande lacuna deixada pela família e, principalmente pela escola, visto que, estamos nos referindo a um corpo docente preparado e qualificado para lidar, com qualquer tipo de assunto. A família, e muitas vezes, a escola/creche, apresentam dificuldades de demonstrar afeto e carinho pela criança.

Ao longo deste trabalho, vimos que o primeiro contato com a família (mãe e pai) e até mesmo com os educadores deve ser em clima de afeto, de segurança e respeito, proporcionando à criança um ambiente em clima de emoção, como bem diz Medeiros (2009). Mas, quando isso não acontece, não podemos de forma alguma condená-los, pois, muitas vezes, eles, (família e educadores) não tem consciência de seus próprios atos, visto que, a família e o professor não podem oferecer o que não faz parte de sua bagagem. Cada um, por si só, oferece aquilo que tem. Se os mesmos foram incentivados e criados num ambiente onde o

carinho e o afeto é visto e sentido de forma constante, não será difícil transmitir à criança, caso contrário, é quase que impossível alcançar qualquer tipo de êxito, exceto se os mesmos buscarem informações a respeito da importância das emoções, afeto e sentimentos no processo de formação e/ou desenvolvimento da criança, principalmente, em se tratando de crianças pequenas, neste sentido, poderão perceber o quanto o aspecto emocional é essencial e de suma importância para o convívio e para as relações afetivas na vida e no meio social da criança.

É importante ressaltar ainda que não basta dar ênfase à afetividade sem conciliar o afeto e as emoções com a prática. Faz-se, portanto, necessário às instituições de ensino superior abordarem mais a importância do aspecto emocional em sala de aula, bem como, as consequências que tais aspectos podem trazer à criança pela falta e/ou mal uso de estímulos afetivos. Entretanto, cabe às instituições de ensino, aprimorarem e/ou ensinarem aos futuros educadores a importância do afeto como fonte de prazer, encantamento, respeito mútuo, diálogo, como bem enfatizou Piaget (1986), sinceridade, descoberta de um mundo melhor e, acima de tudo, sentir amor por si mesmo, e pelo outro, tudo isso em prol de um clima emocional satisfatório em sala de aula, sem qualquer tipo de agressão, tanto física como verbais. Como bem diz Mota (2009, p. 69), “[...] é necessário que a escola proporcione um clima democrático, constituído por relações de cooperação, solidariedade e interação entre criança e adultos que respeite os estágios de desenvolvimento cognitivo, e afetivo próprios da infância”. Desta forma, torna-se bem mais fácil ao educador lidar com os aspectos emocionais e afetivos em sala de aula.

3. A afetividade da criança deve ser estimulada desde a mais tenra idade? Justifique sua resposta.	
Prof ^a . A	Sim. Nossos filhos e alunos sempre se irritam quando se sentem prejudicados, de alguma forma, ficam alegres quando agradamos, entristecem quando se chateiam, brincam quando tem vontade. As crianças são seres autênticos quando o assunto é expressar aquilo que sentem. Intrinsecamente ligada à cognição, a afetividade constitui fator essencial na infância.
Prof ^a . B	Sim, acredito que a afetividade deve ser estimulada desde o ventre materno, pois, a voz, o toque, os sons harmoniosos são sentidos pelo feto, que logo após o nascimento traz consigo esta memória, tornando-se indivíduos calmos, seguros e com maiores possibilidades de tornarem-se indivíduos bem resolvidos emocionalmente.
Prof ^a . C	Sim, desenvolve mais confiança na criança para com o adulto (professor), sendo um recurso para favorecer a relação professor-aluno, onde há trocas constante de experiências com mais riqueza de assunto.

Profª. D	Sim. A afetividade deve ser estimulada desde cedo, favorecendo uma relação harmoniosa entre criança e adulto.
----------	---

Em suma, a afetividade deve ser estimulada desde cedo, favorecendo à criança condições para que a mesma se sinta mais segura e protegida perante os adultos (educadores) e favoreça que a convivência com as outras crianças sejam mais satisfatória.

É preciso que a família e educadores compreendam a importância do afeto, dos sentimentos e emoções para a formação de indivíduos críticos, criativos, favorecendo até mesmo, para a compreensão das normas, valores e regras a serem seguidas e estabelecidas.

Segundo Andrade (1998, p. 118), “É preciso que o indivíduo, desde a mais tenra idade compreenda a importância das normas e das regras para o bem comum e conseqüentemente, para o seu próprio bem”. Dessa forma, entendemos que a afetividade e o processo educativo conduz, desde cedo, a criança a compreender a moral e, as normas a serem respeitadas, além é claro, de proporcionar à mesma, a capacidade de descobrir coisas novas, como também formar seu próprio conceito a respeito do mundo em que vive, não se deixando influenciar pelas ideias dos outros.

Sabemos que é na fase escolar que os sentimentos e as emoções em relação as amizades se tornam mais duradouras. É a partir da convivência, da relação criança professor – criança que os vínculos afetivos se constroem, podendo, às vezes evoluir, dependendo, é claro, das interações da criança com o meio à qual pertence.

Um ambiente harmonioso, com relações de carinho, respeito, sinceridade, sentimentos e emoções verdadeiras é primordial para a convivência em sala de aula e, portanto, para a convivência em grupo, como bem ressalta Zanini (2008). Para tanto, as dimensões afetivas refletem no desenvolvimento da criança, podendo contribuir ou não para o funcionamento intelectual. Neste sentido, muitos problemas do fracasso escolar se dá pela falta ou mau entendimento da afetividade na infância, como bem diz Mota (2009). É importante esclarecer que se torna relevante que os educadores conheçam como se dá a relação afetiva em consonância com o desenvolvimento intelectual, só assim, estes poderão compreender melhor o processo de aprendizagem da criança. Assim, pode-se afirmar que a afetividade e a inteligência caminham juntas e unidas, pois, uma depende exclusivamente da outra.

4. Em sua opinião, como deve ocorrer as relações entre criança - professor (a) e criança – criança na educação infantil?	
Prof ^a . A	É de fundamental importância abordar que a ação pedagógica deve nortear a relação afetiva que influenciará no desenvolvimento do aluno, tendo em vista, diferenças individuais e comportamentais, inerentes ao ser humano.
Prof ^a . B	Esta relação deve ser sempre harmoniosa e extremamente afetuosa e não persuiciva.
Prof ^a . C	As relações entre criança – professor e criança – criança, deve ocorrer em clima de afeto, atenção, compreensão, tudo para o bem estar da criança.
Prof ^a . D	Esta relação deve ser em clima de emoções e afeto.

É possível observarmos nos discursos dos entrevistados que a afetividade nas relações entre criança – professor (a) e criança – criança deve ser marcada por um elo harmonioso, o educador, por sua vez, neste processo, desempenha um papel fundamental, pois, o mesmo, deve nortear as relações de afeto na educação infantil, fazendo com que este vínculo se faça presente, seja nas brincadeiras, nas dinâmicas de grupo, enfim, no ambiente educacional como um todo. Portanto,

[...] uma relação baseada no autoritarismo, onde a relação entre o sujeito aprendente e o sujeito que educa é unilateral, certamente resultará em indivíduos que não saberão exercer sua autonomia e nem serão capazes de assumir suas próprias responsabilidades, respondendo com firmeza por seus atos e suas conseqüências. Um ambiente cheio de medo, autoritarismo, respeito unilateral tende a perpetuar a heteronomia. (MOTA, 2009, p. 69, 70)

A construção da confiança, do respeito e da moral da criança só será possível em um ambiente que permeia as emoções e os sentimentos. Assim, os educadores devem contribuir para a formação de indivíduos livres, autônomos, criativos e bem-realizados emocionalmente.

5. A afetividade exerce influência no desenvolvimento infantil? Por quê?	
Prof ^a . A	Por meio da afetividade na infância é possível ir além das relações concretas que auxiliam no desenvolvimento.
Prof ^a . B	Sim, pois é a afetividade que interpassa pela inteligência emocional, segundo a Teoria de Gardem, permeia todas as outras possibilitando um desenvolvimento integral.
Prof ^a . C	Sim, pois, permite enquanto construção do indivíduo, dando-lhe mais segurança, trabalha auto-estima, deixando a criança mais confiante para melhor trabalhar o seu cognitivo, oportunizando a formação de um cidadão crítico e seguro.

Prof. D	Sim, proporciona ao indivíduo um desenvolvimento completo, possibilitando assim, incluir várias outras áreas.
------------	---

Como já foi enfatizado, as emoções desempenham forte influência na vida do indivíduo, é através de tais relações afetivas e de tais emoções que o sujeito desenvolve-se como um todo, possibilitando uma relação harmoniosa e constante em todos os aspectos.

É nosso dever, como educador, prestar a devida atenção nos sentimentos das crianças, dever este, que torna-se gratificante e enriquecedor para nossa vida, tanto pessoal, como também profissional, visto que, desejamos uma sociedade mais justa e humana, através do afeto, contribuimos para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades de conhecerem o amor, o respeito mútuo, a solidariedade e a justiça. Sabemos que atualmente não se concebe vínculos afetivos sem uma aproximação maior, seja através do diálogo e/ou até mesmo pela interação com o adulto, uma vez que, as crianças aprendem pelo diálogo e pelas relações afetivas que conquistam ao longo do seu desenvolvimento humano. Neste sentido, a relação professor – criança e criança – criança deve ser estimulante, harmoniosa e constante, deve haver acima de tudo, atitudes de cooperação e respeito, respeito este que ultrapasse os limites da sala de aula.

Paradoxalmente, o que se constata, no entanto, é uma preocupante distância entre a teoria e a prática, uma vez que, as instituições de ensino ainda não descobriram o mundo fascinante das crianças que convivem em um ambiente harmonioso e afetivo. Desconhecem a importância da afetividade; ignoram a criança na sua riqueza e variedades de conhecimentos. Apesar da ênfase dada à afetividade nas teorias de muitos pensadores, na maioria das vezes, as creches e as escolas, insistem em modelos ultrapassados de ensino, a que se atribui o fracasso escolar como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre as possíveis, nem sempre prováveis considerações, podemos observar que com nossos estudos e com os resultados obtidos através das observações e da pesquisa numa creche municipal de Campina Grande – PB, sobre a importância do afeto em sala de aula, tem aumentado ainda mais nossa certeza de que, através dos professores e dos membros familiares, a Educação Infantil deve assumir cada vez mais a responsabilidade de incluir em

suas propostas pedagógicas o aspecto emocional, tendo inclusive, o papel de coordenar suas ações em articulação tanto com conteúdos como também com sentimentos e emoções.

Entretanto, a família representa grande importância para o desenvolvimento, tanto físico como emocional da criança. Para tanto, é necessário que os pais estejam em permanente diálogo com suas crianças a fim de garantir uma abertura maior, proporcionando aos mesmos, identificar qualquer tipo de problema, seja fisicamente e/ou afetivamente.

Esperamos assim, estar contribuindo para as discussões sobre a afetividade na Educação Infantil, tanto no que se refere aos fatores relacionados ao desenvolvimento da criança como aos procedimentos de alguns professores em se tratando de emoções, ou seja, como o afeto é por eles estimulados em sala de aula.

Buscamos defender um direito que é da criança: a garantia de que ela seja tratada num ambiente que envolva respeito mútuo, amor, compreensão, emoção, e afeto. Que suas necessidades, tanto físicas como também afetivas sejam respeitadas. Precisamos, acima de tudo, criar condições para que os sentimentos, as emoções e o afeto façam parte da rotina da creche, promovendo um conjunto de ações que contemplem aspectos relacionados ao físico, a moral, social, e também o emocional, tudo isso, em prol da qualidade da Educação Infantil.

Os resultados desse trabalho demonstram que nem tudo está perdido e que existem educadores que valorizam muito a prática educativa articulada com os aspectos afetivos, dando assim, relevância ao amor, ao respeito mútuo, a solidariedade e ao afeto, valores estes, considerados pelos mesmos, fundamentais à construção da cidadania e a convivência harmônica entre professor – criança e criança – criança.

REFERÊNCIAS

ACETI, Ezio. **Pontos fundamentais para o desenvolvimento evolutivo da criança e a descoberta do amor.** Castelgandolfo, 2002.

ANDRADE, R. C. Disciplina escolar e cidadania: Um enfoque psicogenético à questão dos limites. In: GOULART, 1. B. **A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BATTRO, A. M. **Dicionário terminológico de Jean Piaget,** São Paulo: Pioneira, 1978.

- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano** – compaixão pela terra, Petrópolis: Vozes, 1999.
- DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, M. K de. E DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Sum mus, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIDDENS, A. **O que é sociologia**. Porto Alegre. Artmed, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOULART, Iris Barbosa. **A educação na perspectiva construtivista: reflexões de uma equipe interdisciplinar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- HILLAL, Josefina. **Relação professor- aluno: formação do homem consciente**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- MEDEIROS, Simone Veríssimo. Afetividade, Vivências e Processo de Aprendizagem. In: **A criança e as múltiplas linguagens na Educação Infantil**. Evangelina Maria Brito de Faria (organizadora). João Pessoa: Editora Universitária. UFPB, 2009.
- MEDEIROS, Maria Clara. **Sistema Integrado de Educação Formando Cidadãos**. Manual do Educador. 4 anos. Ed. Infantil. Ed. Formando Cidadãos. 2009.
- MORALES, Pedro. **A relação professor – aluno**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- MOTA, Marinalva da Silva; SILVA, Elisabeth Gonçalves; NASCIMENTO, Suênnia de Fátima Ferreira do. O desenvolvimento afetivo e a construção moral na infância. In: MELO, Glória Maria Leitão de Souza; BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida; MOTA, Marinalva da Silva. **Ser criança: Repensando o lugar da criança na Educação Infantil**. Campina Grande: EDUEPB, 2009.
- OLIVEIRA, M. K. de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de. OLIVEIRA, M. K de. DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Sum mus, 1992.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PESTALOZZI. **Pestalozzi e a Educação Pública.** Disponível em: http://www.appai.org.br/Jornal_Educar/jornal32/historia_educacao/pedagogicos/pestalozzi.htm

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 1997.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. (organizadora). **A ludicidade como ciência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano: Uma introdução à psicologia da educação.** 9 ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

WADSWORTH, B. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

ZANELLA, Liane. **Psicologia e educação: o significado do aprender** (organização) Jorge de La Rosa. 6 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

ZANINI, Juliana Quint dos Santos; LEITE, Rachel Winz. Sobre afetividade e construção de vínculos na Educação Infantil. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (org). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professor.** Campinas, SP: Papirus, 2008.